



SEÇÃO: ENTREVISTA

Entrevista com Joselia Aguiar: a construção de Jorge Amado

Interview with Joselia Aguiar: the construction of Jorge Amado

Fábio Varela

Nascimento¹

orcid.org/0000-0002-8970-3161

fv.nasci@gmail.com

Recebido em: 23 dez. 2020.

Aprovado em: 26 abr. 2021.

Publicado em: 18 agos. 2021.

Joselia Aguiar é jornalista, doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) e diretora da Biblioteca Mário de Andrade. Além de ter trabalhado em jornais como a *Folha de S. Paulo*, em duas ocasiões – 2017 e 2018 – ela atuou como curadora do Festival Literário Internacional de Paraty (Flip). Em 2018, pela Editora Todavia, Joselia Aguiar publicou *Jorge Amado* – uma biografia, livro que ganhou edição portuguesa da D. Quixote em 2019 e foi agraciado, no mesmo ano, com o Prêmio Jabuti na categoria “Biografia, Documentário e Reportagem”. Realizada por *e-mail* em novembro de 2020, a entrevista aborda pontos específicos de *Jorge Amado* – uma biografia e questões caras aos interessados no gênero biográfico: metodologia de trabalho, caminhos de pesquisa, espaço no mercado.

Acho que a primeira pergunta que se deve fazer a um biógrafo tem de se relacionar aos motivos que o levaram à escolha da figura biografada. Por que Jorge Amado? Como começou a história de *Jorge Amado* – uma biografia?

De início, fui escolhida pelo projeto, pois recebi a encomenda de um editor. Depois, é certo que escolhi meu biografado, pois a ideia inicial era fazer um perfil de menor extensão, e logo nos primeiros passos entendi que seria necessário avançar mais em termos de pesquisa e escrita. Então, o projeto que deveria durar em torno de um ano e meio acabou levando sete anos. As razões de o editor ter me escolhido: na época, eu era jornalista de livros da *Folha de S. Paulo* e o Alcino Leite Neto, editor com longa trajetória por lá, estava iniciando a Três Estrelas, marca editorial do grupo para não ficção. Fui abordada na redação, assim meio à queima-roupa, e quando ele me falou de uma biografia de Jorge Amado, até fui um pouco contra. Achava que Jorge Amado era muito conhecido, com material biográfico sobre ele em profusão. Alcino argumentou, com bastante razão, que não havia ainda um tratamento biográfico para além das memórias pessoais, sem contar com o sem número de dados incorretos ou pouco esclarecidos que circulam. Sobre as razões de eu ter escolhido ampliar o primeiro escopo: uma vez iniciada a investiga-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

ção, fiquei abismada com a quantidade de vida a percorrer, passando por todo o século 20, com arquivos espalhados por tantos lugares e tantas pessoas a entrevistar. Se eu tivesse cumprido a tarefa que tinha recebido inicialmente, teria sido apenas mais um "suplemento especial" desses que a imprensa faz nas efemérides, repetindo o de sempre, sem material novo. Não podia dar um tiro no pé. Estava diante do mais popular escritor brasileiro, com repercussão internacional; sua trajetória me dava a oportunidade de traçar certa história literária, para completar, naquele momento, estava bastante envolvida com o campo da historiografia.

Como você lidou com a grande quantidade de fontes, de materiais sobre Jorge Amado? Como você selecionou o que lhe era mais conveniente? Ainda pensando na metodologia de trabalho, como foi a escrita da biografia? Você tinha uma rotina de trabalho? Teve de fazer muitos deslocamentos para pesquisar? Nesses sete anos, como conciliou a sua vida com a escrita?

Num projeto como esse, há duas etapas que entendi como concomitantes, a de pesquisa e a de escrita. Comecei os dois procedimentos ao mesmo tempo, pois uma coisa me ajudava em outra. Durante a pesquisa, ia todo o tempo pensando onde encaixar os elementos que considerava importantes no desenho que tinha montado. À medida que trabalhava todos eles em parágrafos e capítulos, tive *insights* sobre o que buscar fora do texto. A seleção era toda baseada naquilo que defini como a principal pergunta do meu livro: o que fez de Jorge Amado o escritor mais popular em seu tempo, com desempenho único no Brasil e no exterior? O meu Jorge Amado está inserido numa história literário-política, trata-se, portanto, de um livro sobre a formação de um escritor. Não é um livro de afeto ou de crítica literária, o que mais existia sobre ele até aqui. Portanto, não é uma biografia apenas da intimidade; o contexto é muito importante e uma das coisas mais difíceis foi encontrar a medida do que dizer sobre o contexto para que o projeto

não ficasse ainda mais extenso. Tampouco é um ensaio sobre a obra, ainda que a recepção crítica interesse o tempo todo como parte da vida dele. Ainda sobre a metodologia, é importante contar que eu ia fazendo a seleção e já separava conforme o capítulo; às vezes voltava à fonte escrita, ou ao áudio, mas quase tudo foi sendo organizado conforme o lugar onde entraria. Depois de tudo arrumado, reescrevi muitas vezes do começo ao fim – quero dizer que fiz versões diferentes não apenas de capítulos isoladamente, como também do livro inteiro. Foi muito difícil conciliar a vida com a escrita; não se pode deixar de pensar que quem entra num projeto desse tipo faz de certo modo um ato heroico. Pois você tem de pagar as contas e precisa trabalhar em outra coisa além do livro. Infelizmente não temos um mercado editorial que possa bancar algo desse tipo, a não ser em raríssimas exceções.

Fiquei curioso sobre o fim do casamento com Matilde e queria saber mais sobre o impacto da morte de Lila em Jorge Amado. Ele sempre sofreu muito com a perda de pessoas próximas – exemplo disso é o que acontece quando do falecimento de Glauber Rocha. Você conseguiu, por algum meio, captar o impacto da morte da primogênita na vida de um pai que estava distante, exilado?

Jorge e Zélia se separaram dos respectivos parceiros numa época em que o divórcio não existia. Sobretudo para uma mulher, trocar de marido a constrangia socialmente, a tal ponto que, no caso da Zélia, a fez perder a guarda do primeiro filho. A separação de um casal, hoje, é algo absolutamente corriqueiro e ninguém tem a ver com os motivos. Quanto a Jorge e Zélia, houve momentos em que esse tema foi usado para seu julgamento moral. Contra Zélia de modo mais explícito: por exemplo, quando Carlos Lacerda diz numa coluna, em tom depreciativo, que ela é a "mulher que vive com Jorge Amado" – o que era verdade [risos]. No caso de Jorge, por ser homem, há maior liberação. No entanto, esse assunto aparece em conversas privadas para um julgamento moral: na versão da família da

Matilde que me chegou por terceiros, porque infelizmente não quiseram me dar entrevista, a sua doença mental é decorrência do abandono sofrido. Por meio de diversas fontes, pude constatar que sua condição clínica era anterior e que há possivelmente histórico familiar. Sobre a reação de Jorge à morte de Lila, o que encontrei está no livro. Primeiro, há o relato memorialístico da Zélia sobre quando ele recebeu a notícia. Depois, há uma entrevista que fiz com a Paloma Amado, sua filha, sobre o fato de o pai nunca tocar no assunto. Falou apenas uma vez e já no fim da vida, por iniciativa dele mesmo. Num livro de não ficção, ou seja, sem qualquer intenção ou procedimento ficcional, o tempo todo você tem de trabalhar com o que existe de fonte. Quando Lila morreu, Jorge e Zélia estavam no exílio. O retorno foi posterior, e isso foi há 60 anos. Não pude encontrar outras testemunhas de como ele, de fato, reagiu à notícia. Quanto à morte de Glauber, assim como de outros amigos, havia gente à volta para recordar. Fui cuidadosa para não resvalar, de um lado, num certo psicologismo barato, e, de outro, num movimento difamatório. Durante as entrevistas, houve quem me dissesse que alguém disse que outro disse que ele não tinha sido afetado já que não viera ao enterro – o que não seria possível dadas as condições para a viagem. Mas é como estou contando: eram falas em *off*, no âmbito dos mexericos literário-políticos. Como tratar dos mexericos? Apurei o quanto pude, mas, por vezes, tive de me conformar com a ideia de que muitos eram apenas mexericos mesmo, e aliás não foram poucos os relacionados a Jorge Amado, provavelmente devido à fama, aos embates estético-partidários e à quantidade de gente com quem conviveu. Dei espaço aos mexericos que configuraram briga pública de repercussão: por exemplo, a que envolveu Jorge e Oswald. No *Navegação de cabotagem*, ele menciona Lila rapidamente, registrando que com a filha tinha pouco convivido. Mas o Diário de Lila, que foi fonte importantíssima sobre o período, só chegou até mim porque um dia Matilde deu a James, que, por sua vez, deu a Jorge, que o guardou.

Ainda no tocante a esses assuntos de cariz mais íntimo, aproveito para perguntar como se deu o relacionamento com os herdeiros de Jorge Amado. Foram sempre abertos e solícitos? Você foi desestimulada a tocar em certos temas? Eles deram acesso a outros documentos pessoais além do diário de Lila?

Foi uma aproximação que se deu aos poucos, e o fato de o projeto ter se desenrolado por sete anos só ajudou, pois creio que ficou claro que eu não faria um livro superficial como muitas vezes acontecem nas biografias de celebridades. Os assuntos privados entrariam, mas com um tratamento sério, sem moralismo e obviamente sem calúnia ou difamação, que aliás é crime – hoje em dia temos de lembrar disso às pessoas. Então aconteceu algo bastante curioso: enquanto eu esperava chegar o momento de entrar nos assuntos mais delicados, a iniciativa de falar deles partia quase sempre de Paloma. Notei que os amigos e as amigas eram mais cautelosos. Não pareciam querer avançar por temas que seriam espinhosos e reagiam com surpresa quando eu lhes dizia que a filha já havia me falado abertamente a respeito. Da parte dos herdeiros, nunca me disseram para não tocar nesse ou naquele assunto, tampouco houve perguntas sobre o que eu estava fazendo, quem eu estava ouvindo ou quais documentos encontrava. Com as mais diversas fontes – e não me refiro somente à família – acabei escutando coisas sobre as quais não deveria falar. O tempo todo você se vê diante de dilemas éticos. Colocar ou não o nome completo da mulher com quem Jorge Amado viveu no exílio na foz do Rio da Prata? Por que isso interessa? Em que nível de detalhamento falar da doença da Matilde? Ou do temperamento do Aldo, primeiro marido da Zélia, se não encontro em sua defesa material na mesma proporção? Sobre o acesso ao material biográfico: de início, tive como consultar na Fundação Casa de Jorge Amado aquilo que era possível a qualquer pesquisador. Na reta final, tive acesso a cartas ainda restritas. Sim, houve o Diário de Lila. Importante é que pude, muitas vezes, procurar Paloma com as mais diversas

questões, das menores às maiores, e ela se mostrou bastante disposta a esclarecer.

A leitura de Jorge Amado – uma biografia me deixou com a sensação de que o escritor confiava plenamente no potencial que tinha, pois, sempre que revelava um novo projeto, afirmava que seria seu melhor livro. Como você captou esse ar confiante? Quando essa confiança se confirmava, como ele reagia? E quando não se confirmava?

Jorge Amado tinha, sim, muita confiança no que fazia. Isso sobre ser "seu melhor livro" só vi uma vez, aconteceu especificamente com *Capitães da Areia*. Afirmação de quando ainda é muito jovem e o livro acabou recolhido das livrarias. Curiosamente há relatos de que acabou sendo o livro dele mais vendido no Brasil na soma geral. Depois, haverá momentos em que ele não tem tanta certeza do sucesso comercial do livro que será lançado, o que não contradiz o que falei inicialmente. O seu envolvimento com o processo de escrita é total. Ou seja, ele confia no que faz, mas por vezes o resultado imediato no que se refere a vendas pode não ser o esperado. Por exemplo, quando ele vai lançar *Gabriela*, ele acha que a tiragem prevista por Alfredo Machado é grande demais. Ou seja, não estava tão confiante assim no resultado nas livrarias, possivelmente ressabiado com o resultado de *Subterrâneos da liberdade*. Quando sai *Tocaia Grande*, e é vendido no exterior antes do lançamento, os números são frustrantes para o editor americano, Alfred Knopf, pelo adiantamento que tinha sido pago. Jorge Amado em seu outono é bastante mais melancólico e mais susceptível aos insucessos e às críticas, não por coincidência, é quando passa a ser menos produtivo, por limitações da idade. A sua potência está vinculada à escrita.

No livro, ficam muito claros os pontos de inflexão no fazer literário e na atuação política de Jorge Amado. Com *Gabriela*, o jeito de narrar do escritor mudou, com a divulgação dos crimes stalinistas, ele se afastou do partido. Na vida pessoal, entre tantos acontecimentos,

qual foi o ponto de inflexão? A partir de qual acontecimento a vida se modificou?

Não creio que o jeito de narrar mudou apenas com a confirmação dos crimes stalinistas. Primeiro, creio que o exercício de escrita de *Subterrâneos da Liberdade* levou Jorge Amado a outro patamar em termos de estrutura romanesca, e ele mesmo vai falar disso em diversos momentos. Segundo, o retorno à Bahia o trouxe de volta a outra linguagem, tanto que se você compara *Gabriela* com *Dona Flor*, há mudanças perceptíveis. Num resumo, Jorge Amado vai ficando cada vez mais baiano, se é possível entender nesses termos. Creio que há vários pontos de inflexão: o casamento com Zélia lhe dá uma estabilidade no âmbito da casa que será importantíssima para ele se tornar um escritor mais maduro. O retorno à Bahia não só o leva a um novo trabalho de linguagem, como a uma nova percepção das culturas e das religiões afro-brasileiras, que vão assumir uma dimensão política para ele. Após um acúmulo de mortes – de Lila, do pai, de amigos –, creio que ele encontra uma forma de tratar delas totalmente inesperada. A morte nessa nova fase de Jorge Amado deixa de ser trágica e passa a ser lúdica. Anos mais tarde, a perda da visão vai tirando a sua capacidade de escrever – ato que depende da sua apreensão sensorial e de envolvimento físico, pois dizia que precisava ouvir o barulho da máquina e sentir os dedos sangrando. Sem sua capacidade de escrever, é como se morresse em vida.

Acredito que um dos grandes pontos do seu trabalho é o desenho de Jorge Amado como profissional da escrita, sujeito que pretendia viver do que escrevia, que se esforçava para chegar ao leitor por publicações seguidas, por traduções, que era exímio em estabelecer contatos com escritores brasileiros e estrangeiros, que tinha boas ideias editoriais. Como você chegou a esse desenho? Pela análise de documentos como cartas e contratos com editoras? Pela recepção das obras dele?

Tem uma frase muito interessante de Jorge Amado, quando a certa altura lhe perguntam o que um escritor deve fazer para ter sucesso na literatura. Sua resposta é que o escritor deve viver a vida ardentemente. Se invertermos a recomendação, podemos deduzir que, para ter sucesso na vida, um escritor precisa viver a literatura ardentemente. Isso que observou no meu livro foi o desenho que tracei desde o primeiro minuto. Não é que me preocupei apenas com o escritor Jorge Amado. Entendi que o homem Jorge Amado era sobretudo um escritor e sua trajetória precisava ser compreendida por essas lentes. Acredito que esse era o Jorge Amado que talvez poucos estivessem vendo, em meio às vezes a tanto ranço. Entendo que ele era, antes de tudo, um escritor com paixão absoluta pelo que fazia e é esse seu segredo. Dizer que Jorge Amado era um *workaholic* vai surpreender, e era isso que ele era. Portanto, fui atrás de todos esses documentos, relatos de memória dele e de outros, no encaixe de sua relação com a literatura. Ou seja, como surgiam personagens e enredos; como se deu a convivência com outros autores, editores e agentes, sua circulação no Brasil e no mundo. Quis entender como construía sua obra à luz de aspectos privados e públicos. Ou seja, quais fatores externos, sejam pessoais ou políticos, levavam-no a pensar ou repensar o que estava produzindo. E, claro, quis entender a influência de sua literatura na cultura brasileira ou mesmo em outras partes do mundo.

Em certos momentos, Jorge Amado se sentia deixado de lado pela crítica e pela universidade. Após estudar inúmeros materiais sobre o escritor, você acha que isso pesava para ele ou o reconhecimento do público compensava a falta de um carimbo mais especializado?

Não é que ele se sentia deixado de lado, ele de fato foi deixado de lado por certa parte da crítica e da universidade em diferentes períodos. Mas houve várias fases. Primeiro, e isso é importante de entender, há o momento inicial em que ele é bastante apreciado pelos seus pares, ainda que

não tenha sido de modo unânime. Aliás, como ele admitia, a unanimidade nunca seria possível para ele. Sim, o reconhecimento do público compensava, e eram vários públicos além do Brasil. Mas há de se notar que ele tinha a apreciação da crítica e da universidade em regiões e temporalidades diferentes. Jorge Amado começa a ser estudado nos EUA e na URSS já na década de 1940. Existe uma produção imensa a respeito dele em departamentos de letras e humanidades de todo o mundo, levando em conta os mais diferentes aspectos de sua obra. Há o prestígio com seus pares: autores e autoras de diferentes matizes o apreciam em todo o mundo, independentemente do que a USP ou a PUC do Rio pensam dele nos anos 1970 e 1980. É uma vida literária muito caudalosa, então, se vemos por apenas um ângulo, parece que ele é ignorado, mas se tomamos o quadro inteiro, a situação é bem mais confortável para ele como escritor. Algumas das acusações permanecem, e, em certo sentido, parecem fortalecerem-se em seu projeto: no conjunto, reclamam de seu progressismo no que se refere a sexo, religião e linguagem; e, sobretudo, reclamam do fato de querer ser um escritor popular e em tudo o que isso implica.

Nos últimos tempos, três alentadas biografias de escritores foram publicadas no Brasil – *Lima Barreto: triste visionário*, de Lília Schwarcz (2017), a sua, em 2018, e *Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade*, de Jason Tércio (2019). Como você vê esse crescimento do gênero, principalmente o crescimento de trabalhos sobre escritores? Existe mercado para essas biografias? Elas podem atingir um público que não seja o especializado? No seu caso, como está a recepção da biografia de Jorge Amado?

Sempre existe mercado para biografias, é um gênero muito apreciado pelos leitores não somente no Brasil como no mundo. A tragédia é que não há tanta gente disposta a fazer biografias de fôlego, pelas dificuldades encontradas e um retorno incerto. Os dois outros projetos que menciona levaram, cada um, quase uma década para

serem concluídos. Talvez eu pudesse ter feito um livro mais vendável, se tivesse me concentrado mais na vida privada e suprimido grande parte do contexto literário-político. Às vezes, há também, por parte do leitor, a busca de uma abordagem mais ficcional. No entanto, eu quis fazer o livro do jeito que fiz. Embora não seja ficcional, teve uma feição narrativa diria que bastante realçada, um estilo que me parecia bastante próprio ao personagem que encontrei. Sim, o meu livro está atingindo um público que não é especializado. De certo modo, está chegando ao leitor do Jorge Amado, independentemente da área em que atua. Não posso reclamar do que se passou no Brasil, mas notei uma diferença muito grande de recepção em Portugal. No Brasil, houve acolhimento na imprensa e mesmo o Jabuti. Antes de lançar, achei que ia ser até combatida, dadas as polêmicas que envolvem Jorge Amado. Isso não aconteceu, curiosamente. Mas em Portugal puderam apreciar melhor o livro. Primeiro, porque não há em relação ao personagem o ranço que existe no Brasil. E lá também viram coisas na minha biografia que não foram tão percebidas aqui no Brasil: o estilo de narrar, um certo humor, nuances literárias e políticas.

A sua bibliografia é repleta de textos biográficos e, nos agradecimentos, você menciona biógrafos. Como eles ajudaram no seu processo de escrita biográfica? Deram dicas de como trabalhar, de como lidar com o gênero?

Na etapa de investigação, busquei tanto fontes primárias quanto secundárias. No primeiro caso, cartas, manuscritos, entrevistas, jornais e revistas de época, as memórias de Zélia, do próprio Jorge e de outros autores, artistas e políticos com quem conviveu. Para traçar o painel literário-político que desejava esboçar, contei com fontes secundárias, ou seja, livros sobre outras pessoas e temas. Na medida do possível, procurei biógrafos que conhecia para tirar dúvidas. No caso da Anita Prestes e do Daniel Aarão Reis, queria saber quem

teve a ideia do livro *Cavaleiro da esperança*. Só pude confirmar mais tarde, quando encontrei uma entrevista do Prestes confirmando que foi mesmo do Jorge Amado a ideia. Procurei o Dênis de Moraes, assim como a Luiza Ramos, filha de Graciliano, para questões relacionadas ao convívio entre Jorge e Graciliano. Alguns biógrafos me mandaram recortes importantes porque estavam envolvidos em pesquisas correlatas. É o caso do Gonçalo Junior e do Mário Magalhães. O contrário também acontece. Sempre que encontro algo que tem a ver com a pesquisa de algum colega, eu envio. No caso do Fernando Morais e do Ruy Castro, tive apenas uma conversa com cada um, as duas no mesmo dia. Foi quando eu já podia contar sobre meu projeto – ia sair uma matéria na *Folha de S. Paulo*. A reação de ambos, embora diferentes, teve um ponto em comum: os dois me recomendaram não ter pressa. A minha formação em biografia passa, primeiro, por minha formação como jornalista e, depois, como historiadora. Sou leitora de biografias, mas posso dizer que meu repertório é toda literatura, de ficção ou não ficção.

Um texto biográfico deve ser revisto sempre que possível, pois é comum, depois de o livro ganhar a rua, que outras informações apareçam. Se você precisasse reescrever a biografia para outras edições, o que ampliaria, o que reduziria? A versão final lhe deixou satisfeita? O processo de reescrita dependeria das novas informações que surgissem?

Neste momento estou fazendo uma segunda edição e vou acrescentar pequenas coisas – são detalhes que tirei, coloquei, tirei outra vez, mas gostaria de mantê-los numa versão final. Não penso em reescrevê-la, pois cumpri o objetivo previsto. Se aparecer algum fato novo que possa mudar o que entendi, faço, sim, um eventual ajuste. Claro que haverá muitos novos dados sobre Jorge Amado daqui para a frente, acredito seriamente nisso, aliás digo isso no fim do livro. Mas aí serão outras investigações, outros livros de outros autores.

Fábio Varela Nascimento

Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Autor da biografia *Cyro Martins – os anos decisivos (1908-1951)*.

Endereço de correspondência

Fábio Varela Nascimento
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Av. Ipiranga, 6681
Parthenon, 97010-082
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.